



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

SHIRLEYANNE SANTOS AQUINO

**ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS JUNTO A ALUNOS COM SÍNDROME DE
DOWN NA ESCOLA BÁSICA**

MOSSORÓ/RN

2017

SHIRLEYANNE SANTOS AQUINO

**ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS JUNTO A ALUNOS COM SÍNDROME DE
DOWN NA ESCOLA BÁSICA**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Orientador(a): Profa. Ma. Michelle Sales Belchior

MOSSORÓ/RN

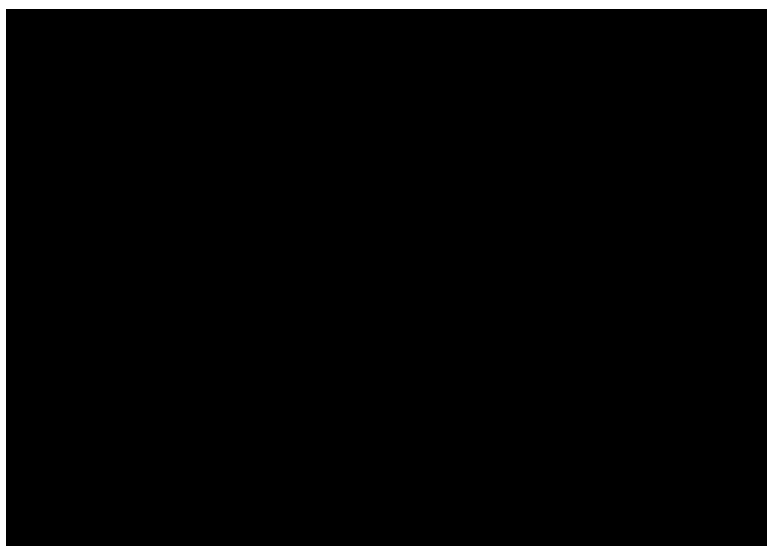
2017

ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS JUNTO A ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA BÁSICA

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Defendida em: 01 / 07 / 2017

BANCA EXAMINADORA



RESUMO

O presente artigo aborda as práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas por professores de alunos com Síndrome de Down na escola básica. A pesquisa foi motivada pelo problema: “Como os docentes da escola regular constroem suas práticas a alunos com Síndrome de Down na perspectiva inclusiva?” Esta pesquisa tem como objetivo geral: apresentar, a partir da narrativa de professores as práticas pedagógicas, para os alunos com Síndrome de Down na perspectiva inclusiva. Para alcançar tal objetivo seguimos os objetivos específicos com sentido de: destacar as aproximações pessoais e formativas com o objeto de estudo; favorecer a conscientização e formação dos professores entrevistados; indicar a partir das narrativas dos professores, quais as práticas educativas inclusivas, desenvolvidas com os alunos com SD. Em termos metodológicos nossa pesquisa não se interessa em quantificar dados, mas trazer reflexões aos professores leitores, de como incluir um aluno com Síndrome de Down na escola regular, além de contribuir para reflexão e aperfeiçoamento da prática dos professores entrevistados. As narrativas foram registradas através do método (auto)biográfico, pois parte-se do princípio que a trajetória de vida do sujeito constrói, também, a sua prática docente. As narrativas apresentadas são de dois professores licenciados (português e espanhol) que atuam em escolas públicas da Rede Estadual de Ensino na cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte, e que atuaram durante três anos letivos a alunos com Síndrome de Down. Os resultados mostraram que os professores resignificaram sua prática, ao identificar nas experiências anteriores, aprendizagens que transformaram a sua postura didática diante do aluno com Síndrome de Down. De modo a concluir acreditamos que ao apresentarmos as narrativas dos professores, descritas neste artigo, outros profissionais em situação semelhante poderão refletir sobre a sua atuação pedagógica e se inspirarem com as propostas aqui apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE: INCLUSÃO; PRÁTICAS PEDAGÓGICAS; SÍNDROME DE DOWN.

ABSTRACT

The present article addresses the inclusive pedagogical practices developed by Down Syndrome teachers in elementary school. The research was motivated by the problem: "How do regular school teachers construct their practices with Down Syndrome students in an inclusive perspective?" This research has as a general objective: to identify, from the teaching narratives, the pedagogical practices, the students Syndrome Down in inclusive perspective. The specific objectives were formulated to: a) relate the possibilities existing between teaching practice and inclusion in the learning of students Down syndrome and; B) indicate, from the teachers' narratives, the inclusive educational practices developed for Down Syndrome students. In methodological our research is not interested in quantifying data, but bring reflections to teacher readers, how to include a Down Syndrome student in regular school. The narratives recorded, through the (self) biographical method, since it is assumed that the subject's life trajectory also builds yours teaching practice. The narratives presented are from two licensed teachers (Portuguese and Spanish) who work in public schools of the State Education in the city of Mossoró, Rio Grande do Norte, and who worked for two years with Down Syndrome students. The results showed that the teachers resignified their practice, when identifying in previous experiences, learning that transformed their didactic attitude towards the student Down Syndrome. We conclude, believe that in presenting the teachers' narratives described in this article, other professionals in a similar situation may reflect on their pedagogical performance and be inspired by the proposals presented here.

KEY WORDS: DOWN'S SYNDROME; INCLUSION; PEDAGOGICAL PRACTICES.

1 INTRODUÇÃO

A investigação dessa temática emergiu da necessidade de conhecer as práticas pedagógicas destinadas a alunos com Síndrome de Down na escola básica, a partir da perspectiva inclusiva. É através das narrativas de experiências que os professores podem compartilhar suas práticas pedagógicas à alunos com Síndrome de Down no sistema básico de ensino. A resposta ao problema: *quais práticas inclusivas são destinadas a alunos com Síndrome de Down pelos professores na escola básica*, favorece o contato com as práticas exitosas efetivadas por esses professores na perspectiva de incluir o aluno com Síndrome de Down. Conhecer essas experiências permite o exercício de reflexões, transformações e novos posicionamentos por parte de outros profissionais docentes que leiam, estudem e reflitam sobre as narrativas.

Trabalhar com a narrativa dos professores e suas práticas pedagógicas junto a alunos com Síndrome de Down, não teria sentido se separássemos as emoções, os sentidos imbuídos em cada ensinamento e postura. O método (auto)biográfico utiliza uma abordagem diferencial para poder sentir, viver e aprender com a narrativa das práticas desenvolvidas por esses professores. Após pesquisa feita no banco de teses e dissertações das instituições de ensino e pesquisa científica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES) percebemos a necessidade de trazer as práticas exitosas nas vozes dos professores do processo de inclusão do aluno com Síndrome de Down, observado que, muitos trabalhos traziam a fragilidade do processo de inclusão do aluno com Síndrome de Down na escola regular.

O objetivo geral deste trabalho visa apresentar, a partir da narrativa de professores as práticas pedagógicas, para os alunos com Síndrome de Down na perspectiva inclusiva. Para alcançar tal objetivo seguimos objetivos específicos com sentido de: destacar as aproximações pessoais e formativas com o objeto de estudo; favorecer a conscientização e formação dos professores entrevistados; indicar a partir das narrativas dos professores, quais as práticas educativas inclusivas, desenvolvidas com os alunos com SD.

Práticas educativas inclusivas são, conforme Sassaki (2005), a “modificação da sociedade como um pré-requisito para a pessoa realizar seu desenvolvimento e exercer a cidadania”. As práticas de inclusão são as ações pedagógicas realizadas dentro do ambiente escolar que buscam adaptar-se ao aluno com deficiência, construindo um ambiente escolar

onde sejam valorizadas as individualidades, remodelando, reformulando o fazer pedagógico e a prática docente.

Falar sobre a trajetória dos professores é relevante, pois cada ser carrega uma história de vida, com valores, crenças e cultura. Desconsiderar esses fatos é esquecer que existe uma relação direta entre vida pessoal e atividade profissional do professor. Nóvoa, (1995) destaca a importância de se pensar a formação de professores numa abordagem para além da acadêmica, ou seja, envolve o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional da profissão docente.

Há seis anos como estudante (graduação, especialização e mestrado) realizei¹ pesquisas científicas com a inclusão de alunos nos ambientes educacionais: alunos Surdos, com Transtorno do Espectro Autista e com Síndrome de Down. Tenho uma pertença pessoal com a temática inclusiva, uma irmã de dezenove anos, com Síndrome de Down, Sheyla Pauline. Acompanhar a trajetória educativa de Sheyla me instigou a pesquisar e a propor metodologias que pudessem incluir melhor as pessoas com deficiência no contexto escolar, e reconheci que através das narrativas de “professores inclusivos” isso seria uma ótima forma de trazer a experiência de sala de aula. Baseado nessas experiências formativas e de vida que este trabalho traz através das narrativas dos professores como foi o processo de inclusão de um aluno com Síndrome de Down na Educação básica.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Os procedimentos metodológicos deste estudo foram pautados em uma abordagem qualitativa, visto não nos interessar a representatividade numérica, mas sim o aprofundamento da compreensão a partir de um estudo bibliográfico e empírico sobre as práticas inclusivas a alunos com Síndrome de Down. As pesquisas que utilizam a abordagem qualitativa devem trabalhar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam, (MINAYO, 2008).

¹ Peço licença aos leitores para me posicionar, respeitosamente, na primeira pessoa do singular para narrar minhas vivências, experiências e pensamentos conexos a este trabalho.

Para Minayo (2008), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Frente aos procedimentos a serem utilizados, onde será realizado uma pesquisa bibliográfica, a qual é definida como a que:

Explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (CERVO e BERVIAN, 1976, p. 55).

A coleta dos dados foi realizada através de sessões de narrativas (auto)biográficas, essa metodologia possibilita visualizar as experiências de vida dos professores, ações, reflexões e emoções, vivenciadas, no exercício da docência em salas de aula regulares com alunos com Síndrome de Down. O método (auto)biográfico e os estudos com histórias de vida de professores são entendidas aqui como narrativas de formação, autoformação e prática docente, gerando novas aprendizagens a todos os envolvidos, corroborando para a construção e a reconstrução da formação do professor que narra sua (auto)biografia.

Sobre o método (auto)biográfico, Ferraroti (2010) reivindica a autonomia do método, ou seja, considera que as narrativas biográficas são suficientes para legitimar uma pesquisa e aponta para a necessidade de uma renovação metodológica. Aponta, também, para a contribuição do exercício das narrativas (auto)biográficas e do quanto ele pode nos fazer compreender o percurso de vida do sujeito, conforme cita:

As narrativas biográficas de que nos servimos não são monólogos ditos perante um observador reduzido à tarefa de suporte humano de um gravador. Toda entrevista biográfica é uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativas, de injunções de normas e de valores implícitos e, por vezes, até de sanções. Toda entrevista biográfica esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder; apela pelo carisma e para o poder social das instituições científicas relativamente às classes subalternas, desencadeando as reações espontâneas de defesa (FERRAROTTI, 2010, p. 46).

O termo formação apresenta uma dificuldade semântica, pois trata tanto da atividade no seu desenvolvimento temporal, como o respectivo resultado. Designando o nosso objeto de investigação pelo próprio conceito de processo de formação, indicávamos mais claramente que nos interessávamos pela compreensão da atividade. “Todavia, mantém-se uma ambiguidade, à medida que o conceito utilizado não permite distinguir a ação de formar (do ponto de vista do formador, da pedagogia utilizada e de quem aprende) da ação de formar-se”.

(JOSSO, 2010, p. 61). Com essa citação de Josso, reafirmamos a escolha do método (auto)biográfico como um método que irá trazer contribuições formativas tanto para os narradores quanto para as pessoas que entram em contato com elas.

Os professores que contribuiu com suas narrativas foram Fernandes, professor de Língua portuguesa e Morenita, professora de Espanhol, eles são servidores do Governo do Estado do Rio Grande do Norte e trabalham na escola MEPE² na cidade de Mossoró/ Estado do Rio Grande do Norte. Durante os anos de 2011 a 2013 eles foram professores do aluno Vicente que tem SD³ durante os três anos do ensino médio. As narrativas foram registradas através de gravador com permissão dos professores em três encontros que aconteceram na sala dos professores na escola MEPE.

2.2 Resultados/Discussão

O Professor Fernandes é professor de Língua portuguesa do Ensino Médio na Escola Estadual MEPE. Possui 30 anos de docência, solicitou a aposentadoria, e tem cinco anos de experiência com pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, a primeira experiência aconteceu em 2010. As experiências vivenciadas no ensino a alunos com Necessidades Educacionais Específicas aconteceram na escola MEPE. O professor Fernandes é vinculado ao Governo do Estado do Rio Grande do Norte em dois vínculos de 30 horas cada, em ambos, ele atua como professor de Língua Portuguesa. Sua formação inicial na FURN ocorreu por intermédio do crédito universitário e quando concluiu o curso, a universidade estava na fase de transição passa a ser Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O curso de formação inicial em Letras, habilitação Português, e esta, é a sua única graduação. Possui pós-graduação em linguística (1985).

Nossa outra narrativa vem da professora Morenita, ensina Língua Espanhola na Escola Estadual MEPE. Possui oito anos de experiência docente. Um ano de experiência junto a alunos com Necessidades Educacionais Específicas, experiência esta, vivenciada em 2013 com dois alunos com Síndrome de Down, em duas escolas diferentes. A professora trabalha na rede estadual e em uma escola particular do município de Mossoró. Formou-se em 2007 em Letras/Espanhol UERN–Campus Central, possui especialização em Espanhol pela UERN. Seus pais são comerciantes e a criaram com muito esforço junto a seus 4 irmãos. A professora é natural de Itaituba/PA, mudou-se para Russas/CE e depois para Mossoró, todas as mudanças foram em busca de melhores condições de vida. Conforme narrado pela professora, a busca de

² Nome fictício.

³ Síndrome de Down.

sua família por melhores condições de vida e das dificuldades que viveram, refletiu em sua postura pessoal e profissional conforme nos aponta.

A Inclusão e a escola formam uma parceria exitosa, pois a educação é uma área de essencial necessidade social, fruto de condições sociais e históricas conforme nos indica Freire (1996). O autor deu significativas contribuições nesse sentido ao dizer que: "não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio" (FREIRE, 1996, p. 35). Isso nos faz ver que as necessidades da sociedade, são refletidas no fazer da escola, esta que é responsável por preparar os sujeitos sociais.

Elevamos o papel da escola por sua função social de fundamental importância para a formação e constituição do indivíduo, além de favorecer a evolução da humanidade e da sociedade. São as experiências vivenciadas na escola, que trazem aprendizados relacionais, culturais, cognitivos, sociais, afetivos e históricos para os estudantes. A escola como instituição representante dos interesses da sociedade, possui em sua organização objetivos e metas onde emprega e reelabora os conhecimentos socialmente produzidos na história, e para tanto, deve estar preparada para receber essas diferenças tão presentes na escola quanto na sociedade, "educação é diálogo, na medida em que não é transferência de saber mais um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (FREIRE, 1987, p. 69).

Tardif (2002) e sua equipe ampliaram, através de suas pesquisas, o estudo dos saberes dos professores no intuito de compreender melhor a profissão docente. Em uma observação etnográfica, observou que os saberes utilizados de base para o ensino, muitas vezes não se limitam apenas à educação formal das universidades. Esses saberes abrangem uma diversidade de objetos, de questões, de problemas relacionados com seu trabalho "nesse sentido, os saberes profissionais são plurais, compostos e heterogêneos (...) bastante diversificados, provenientes de fontes variadas, provavelmente de natureza diferente" (TARDIF, 2002, p. 213). Conforme Tardif menciona, os saberes originados da história de vida pessoal dos docentes são fruto de todas as circunstâncias de aprendizagem que viveram, inclusive da sala de aula no próprio exercício profissional. Enxergamos que os saberes não são imóveis e estáticos, nem foram produzidos no mesmo tempo, território e circunstância, são fruto de várias fontes e momentos, eles imbricam em novas sínteses, à medida que se constroem. A narrativa do professor Fernandes retrata que:

No dia a dia profissional vemos que cada turma exige uma rotina diferente, uma didática diferente, ou seja, sempre evoluindo, mudando, melhorando, aprimorando, e com o tempo, dependendo do profissional, nós conseguimos ver que não há uma receita pronta, cada turma exige uma metodologia

diferente, isso faz com que sejamos mais flexíveis com as diferenças de cada um, faz com que possamos mudar a nossa didática sem um grande impacto. E o ensino ao aluno com Síndrome de Down é assim, uma mudança metodológica, uma flexibilidade, mas o objetivo é o mesmo, conquistar a atenção desse aluno, fazer ele se apaixonar pelo conteúdo e aprender.

Na educação de alunos com Síndrome de Down faz-se necessário iniciativas de formação continuada aos professores e demais profissionais que lidam com este público, pois fornece ao professor conhecimentos para ressignificar as suas intervenções e maximizar os efeitos da prática docente, a fim de ilustrar melhor essa ideia, Prof. Fernandes fala:

Eu não tive uma formação que me ensinasse a trabalhar com os alunos o preconceito e essa resistência que alguns tem diante da deficiência. Tudo que eu usava em sala de aula, de conversar com os alunos, falar que eles deveriam respeitar o aluno com Síndrome de Down, tudo foi feito com base nos valores morais que aprendi na vida. Afinal, ninguém merece ser discriminado, todos nós precisamos ser respeitados assim como somos, imperfeitos.

O contato com as pessoas com deficiência aconteceu, para o Professor Fernandes, dentro da sala de aula, pois na formação inicial, conforme narra, não houve esse contato. Quando o professor fala sobre sua postura diante das pessoas que iriam conviver com o aluno com deficiência, ele nos transmite a ideia de que, mudar a escola para incluir os diferentes não é só eliminar as barreiras arquitetônicas da escola é necessário pensar juntos em ações pontuais, para transformar por completo o sistema que envolva todas as pessoas. Trazendo reflexões sobre o currículo e Fernandes diz:

No currículo da escola não há nada que aborde com mais ênfase a inclusão. Acho que é preciso mudar o currículo, ele deve ter a cara da escola, e se a escola é destinada, também, para os alunos com deficiência, é preciso abordar sobre isso nesse documento. Tudo que realizamos é muito autônomo. [...] hoje esse aluno com deficiência é muito bem acolhido e alguns deles o ajudam nas atividades diárias, levam lanche para ele e entre outros.

Quando o professor fala que a ação pedagógica é inclusiva e o currículo não aborda a inclusão, ele nos faz refletir que a proposta curricular é um dos pontos de partida para que a escola se transforme. Mantoan (2001) nos traz a reflexão da necessidade de mudança do currículo sob a ótica da escola Inclusiva. Diferente da integração escolar (que apoia a abertura da escola ao aluno com deficiência e não incentiva transformações da estrutura escolar), a inclusão escolar visa transformar as condições estruturais, pedagógicas e curriculares da escola que recebe o aluno com Síndrome de Down. Para isso, a escola Inclusiva deve desenvolver políticas, culturas e práticas que valorizem o que cada aluno tem para a construção do conhecimento e desta forma atingir a qualidade educacional e sócio cultural sem discriminação.

Em continuação à apreciação da fala de Fernandes, ele cita que em certo momento foi preciso dialogar com os demais alunos sobre a necessidade de respeitar a pessoa com deficiência. Fernandes deixa claro ser preciso trabalhar a inclusão e a convivência harmônica com as diferenças individuais entre todos que compõem a escola, tenha a escola, ou não, aluno com deficiência.

Algumas mudanças são necessárias para se organizar um currículo integrado para o aluno com Síndrome de Down, é preciso adaptar, reorganizar e transformar as situações escolares e pedagógicas com criatividade. A criatividade utilizada pelo professor em valorização do potencial dos alunos é um desafio na profissão docente (PARO, 2012).

O recurso da imagem foi uma estratégia didática do professor Fernandes após perceber que a memória visual do seu aluno com SD era apurada. No dia a dia de sala de aula Fernandes explica como a atividade deverá ser realizada e faz um exemplo de como deverá ser feita, com Vicente ele começa por atividades curtas, para evitar distração e desinteresse pela atividade, pois depressa ele se distrai ou se desinteressa pela atividade.

Para minimizar as dificuldades de assimilação dos conteúdos que o aluno com SD apresentava, o professor Fernandes utilizou estímulos sensoriais através do canal visual com imagens, objetos, fotos ou palavras. Antes de começar as atividades, o professor coloca Vicente para manipular o material a ser utilizado na aula e ao manipular aquele objeto o aluno desperta a curiosidade de aprender mais sobre ele, além de registrar a ligação do objeto com o conteúdo aprendido em sua memória.

Os relatos anteriores servem para nos mostrar que ações não tão custosas, podem vir carregadas de zelo e preocupação e são inclusivas a medida que há uma disposição e ação de fazer diferente, de incentivar o melhor do seu aluno, de fornecer a ele oportunidade de aprender ao seu tempo, do seu modo, com as suas deficiências. Não deveriam separar a educação como se houvesse dois mundos em completa diferença, nem a formação profissional deveria ser tão dependente dos cursos e especializações. Dizemos que se deve preparar o professor para lidar com a inclusão dentro da própria formação inicial, afinal, somos professores de alunos diferentes, independente de sua deficiência, devemos oferecer as melhores oportunidades de aprender a todos.

A escola é onde passamos boa parte da nossa formação pessoal e não é diferente para o aluno com SD de Down. Uma parte da história da inclusão da pessoa com deficiência está marcada pela sua exclusão do sistema escola, muitos estavam ou fora da escolarização ou em instituições de caridade. Hoje, as leis reconhecem os direitos das pessoas com deficiência de frequentarem a escola básica, e exige a adaptação da instituição para receber com qualidade o

aluno com Necessidades Específicas. Em seu discurso o professor fez questão de defender que o ensino da pessoa com deficiência deve acontecer dentro do sistema básico de ensino.

A Professora retrata em sua narrativa:

Considero a inclusão da pessoa com deficiência uma ação importante, pois estar na escola é também uma forma de inserir esse aluno em um ambiente social necessários à vida de todos nós. Acredito que há uma troca de conhecimento entre os envolvidos, cada um que aprende com o outro, e no fim todos aprendem juntos. É necessária a convivência entre os diferentes.

Morenita traz a consideração de que a inclusão de todos, cria possibilidades para o aperfeiçoamento da educação escolar e objetiva auxiliar no desenvolvimento de todos os alunos, com e sem deficiência, “e no fim o grupo aprende junto”. Nessa fala, Morenita quer nos mostrar que incluir também envolve uma predisposição para a mudança por parte dos envolvidos e exige coragem para enfrentar as inovações, e esse é um sentimento que precisa ser melhor trabalhado nas escolas e nos professores, assim como aconteceu com ela. Uma das formas de assessorar o aluno com deficiência quanto às suas necessidades é através do Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou do Professor auxiliar em Educação Especial. Fernandes defende a presença do profissional especializado em Educação Especial na sala de aula como um apoio ao trabalho pedagógico e assemelha-o a um degrau necessário para a inclusão acontecer pelo seguinte motivo:

Você que já conhece a educação pública sabe como é a realidade né?! Salas superlotadas, crianças e jovens com defasagem de ensino, muita evasão e desinteresse pelo ensino, indisciplina, nós perdemos muito tempo só com a indisciplina em sala de aula, isso tudo já são barreiras que nos atrapalham a trabalhar o conteúdo de ensino. A criança com Síndrome de Down, processa as informações de maneira mais lenta, menos complexa, e para isso, tenho que ser claro, é preciso que o professor esteja por perto, que o professor se debruce na aprendizagem daquele aluno, porém na dinâmica que temos hoje na escola pública não é possível que consigamos atingir esse aluno com Síndrome de Down com qualidade. Para isso, é importante o trabalho de um profissional que esteja lá com ele, perguntando se ele compreendeu, fazendo ele participar com seus talentos e habilidades, não acho que isso é segregar, acho que isso é se preocupar com sua educação.

Com a entrada do aluno com deficiência na escola, incluí-lo é fornecer recursos estruturais, procedimentais e humanos que o auxiliem a se desenvolver utilizando as suas habilidades e linguagens. Quando o aluno com Síndrome de Down é bem acolhido por seu professor, na escola e pelos colegas de sala de aula, enxergamos nele grande potencial para o desenvolvimento.

Quando narramos as práticas educativas no ensino aos alunos com Síndrome de Down estamos trazendo uma pesquisa baseada na história vivida por esses professores e de como eles construíram suas práticas. Fazer pesquisa com as histórias de vida dos professores se

constituíram por muito tempo, como uma espécie de paradigma perdido da investigação educacional (NÓVOA, 1992). Apesar das críticas, são inegáveis, as narrativas das histórias de vida têm originado práticas e reflexões estimulantes, que geraram conhecimento a outros professores que leram sobre essa prática. Esse é o nosso intuito com o trabalho das narrativas, trazer essas experiências de vida e as posturas inclusivas desenvolvidas por esses professores, mostrando como elas foram pensadas e orquestradas após experiências de vida e profissionais vivenciadas.

A narrativa não tem a ambição de transmitir um acontecimento, mas integrá-lo à vida do narrador atribuindo-lhe sentido. É desse modo que nos encontramos de frente com os objetivos desse trabalho: trazer nas narrativas dos professores que desenvolveram práticas inclusivas junto aos alunos com Síndrome de Down possibilidades para os demais profissionais vivenciarem tal realidade. Para que isso aconteça, ouvimos a voz do professor. Ao narrar, o sujeito se descreve e constrói através das narrativas de sua experiência e forma um cenário para localizar o ouvinte a compreender quem ele é, os caminhos que percorreu e as emoções que vivenciou. Na narrativa vários significados surgem, para quem narra e para quem ouve, com uma posição privilegiada quem ouve, pois, ouvir é uma das maneiras mais eficazes de compreender o outro e de romper conceitos e “pré-conceitos”.

Ser professor de aluno com Síndrome de Down envolve sentimentos e aflições, desafios e superações diárias. A limitação cognitiva da Síndrome de Down apresenta-se em variadas manifestações a depender de pessoa para pessoa, altera assim: o ritmo de aprendizagem, o processamento de informações, a memória visual, auditiva, a atenção e motivação. Construir posturas pedagógicas que superem as dificuldades da Síndrome de Down requer fundamentos teóricos e práticos, a esse respeito o trabalho desenvolvido pela Profa. Morenita aconteceu da seguinte maneira:

Em 2013 aconteceu minha primeira experiência com alunos com Necessidades Educacionais Especiais, e foi tudo de uma vez, com o aluno Vicente e outra aluna da escola que trabalho no outro horário, ambos com Síndrome de Down. Me senti desafiada diante de tal realidade, até então não vivenciada. Uma das minhas primeiras ações diante dessa realidade foi buscar orientação de como trabalhar com esses alunos, depois conversei com os demais alunos, colegas professores e colegas do pedagógico para pedir auxílio, e aí comecei a testar uma rotina diferente, atividades diferentes, locais de posicioná-los na sala e entre outras questões [...] é esse o primeiro passo, conhecer suas limitações e potencialidades. Se adaptar aos alunos com Síndrome de Down não foi difícil para mim, isso já é do meu perfil profissional, estar sempre me adaptando para o perfil da turma que trabalho, são muitas turmas, muitas diferenças, cada uma exige uma metodologia diferente.

Interpretamos em sua narrativa, que Morenita já tem uma postura de se adaptar aos desafios da docência. Consideramos que o professor nos primeiros anos de docência não é o mesmo professor de vinte, trinta anos de docência. A maturação favorece o aprimorar da prática profissional. Inferimos nesse pensamento que os saberes agregados à bagagem dos nossos professores transformaram suas posturas profissionais. Na sua narrativa o professor Fernandes fala sobre sua primeira experiência junto a alunos com deficiência, e dedica o bom desempenho com o aluno Síndrome de Down, às experiências positivas que vivera antes, ainda na escola MEPE:

Minha primeira experiência com alunos com NEE (Necessidades Educacionais Especiais) foi com um aluno cego, Francinildo, aqui mesmo na escola. Olha, foi uma experiência fantástica, Francinildo era um aluno tão bom que ele me ensinava como eu deveria ensinar a ele (risos), tudo com muita delicadeza e respeito. O aluno interagiu muito bem com todos, sempre fazia perguntas na aula e eu sempre estava explicando o conteúdo de maneira detalhada, para que ele pudesse compreender melhor já que não possuía o recurso visual. [...]. As provas que realizávamos para ele não tinham muitas mudanças, eram as mesmas questões, o mesmo nível intelectual, porém, era requerida de outra forma, era marcando e a supervisora era sua ledora. Destaco a parceria do CADV (Centro de Apoio ao Deficiente Visual) que ajudava nas atividades que ele precisava fazer em Braille. Francinildo não sofreu nenhum tipo de preconceito, logo, ele era muito expansivo, se envolvia com todos. Infelizmente, em outras deficiências, a própria timidez, dificulta a aproximação junto aos outros colegas. Percebi que o aluno que não é incluso, fica pouco tempo na escola sai logo, não há como ficar se não se sente acolhido.

Outra adaptação do professor para o aluno com SD foi a avaliação pedagógica, onde destaca ter contado com a ajuda da coordenação escolar na adaptação da prova, colando uma gravura, sendo leitor ou escriba já era uma ajuda positiva, ele diz:

Nas provas (avaliações), eu tinha muita dificuldade, porque as provas deveriam ser ilustradas. Uma das condições para elaboração da prova era justamente a ilustração, para que pudesse ajudar no entendimento, mas eu sempre contava com a ajuda das profissionais da Educação Especial. Eram os coordenadores pedagógicos que ajudavam a colocar algumas gravuras na avaliação ou nas atividades.

A escola que recebe um aluno com deficiência deve em primeiro ponto promover um momento de diálogo com todos, sobre a deficiência desse aluno, convocar pais, professores e funcionários. Mantoan (2001, p. 99) escreve: “não se pode reformar a instituição sem a prévia reforma das mentes, mas não se podem reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições”.

As ações colaborativas entre professores da sala de aula comum, escola e professor de AEE, auxilia o fluir do trabalho com o aluno com SD. O planejamento pedagógico se constrói

em um espaço de registros e discussões sobre o melhor para os seus alunos, sobretudo para as pessoas com deficiência e para isso todos os envolvidos com o ensino do aluno com SD devem estar presentes. A esse respeito a professora Morenita pondera:

Havia uma preocupação da professora de AEE em apresentar aos professores as necessidades e limitações dos alunos atendidos nessa sala. Eles que no contra turno atendiam esses alunos e sempre se mostraram disponíveis a esclarecer dúvidas e ajudar no que preciso.

Sobre a experiência com o aluno com Síndrome de Down e os ensinamentos desta para o Prof. Fernandes, ele cita:

Assim como as experiências anteriores, a experiência com a Síndrome de Down não foi angustiante, me encorajou mais ainda. Assim como em qualquer outra turma que possui vários alunos que são diferentes uns dos outros. Essa experiência com o aluno com SD, reconheço que fiquei mais cauteloso em conseguir ajudá-lo da melhor forma, pois tinha minhas limitações e algumas dificuldades na questão didática para alunos com deficiência. Pois, eu não tinha muitas estratégias ou uma formação que me desse um apoio adequado e autonomia para desenvolver estratégias inclusivas para o aluno com SD, fui aprendendo com ele. Ter entrado em contato com a família do garoto e conhecer suas habilidades me ajudou a organizar meu trabalho. Ele tinha algumas dificuldades, tive que fazer mudanças práticas, mudar o estilo da letra, de rotina, de materiais pedagógicos, aprendi muito com isso, todos aprenderam.

As experiências de vida são situações singulares que proporcionam aprendizados, saberes, e formam parte dos conhecimentos que acumulamos ao longo da experiência profissional, e sobretudo a primeira experiência junto a alunos com Síndrome de Down. Nóvoa (1992) dialoga com a narrativa de Fernandes quando fala que é nas situações de limites que vivemos e tomamos decisões que aprendemos com elas.

São esses procedimentos que dão legitimidade aos saberes da experiência. Uma Educação Inclusiva refere-se, em sua essência e legitimidade, a toda a educação, pois a educação é um direito de todos, e todos nós somos singulares. Por esta razão, é preciso compreender o quanto somos humanamente iguais por possuímos necessidades e sonhos; e o quanto somos humanamente diferentes por possuímos diferentes necessidades e diferentes sonhos. Para falar sobre as adaptações pedagógicas necessárias a um ensino inclusivo ao aluno com Síndrome de Down a Profa. Morenita discorre:

A rotina do aluno com Síndrome de Down era mais dinâmica. Foi necessário mais cuidado e atenção. Não havia nenhum profissional auxiliando o aluno com Síndrome de Down na sala era só comigo. Os conteúdos ministrados para o aluno com Síndrome de Down, eram vistos de uma forma menos dinâmica, menos complexos. Para copiar no quadro, Vicente demorava mais e a escrita no quadro deveria ser toda em maiúscula, como eu não tinha a prática de escrever em maiúsculo, era mais lento o processo, mas dava certo. Ele sentava-se próximo a mim e enquanto os demais alunos estavam

ocupados eu o acompanhava na atividade. O conteúdo era resumido, o mais simples possível, muitas vezes já levava uma atividade para facilitar, visto que, a língua espanhola é só uma aula em cada turma. Percebia que Vicente se distraía muito quando não estava se dando bem com a metodologia da aula então eu logo mudava. Eu sempre tinha uma “carta na manga” (uma atividade pronta). Depois que Vicente veio estudar conosco tinham sempre comigo alguns materiais didáticos como jogos educativos direcionados à disciplina, materiais concretos, mapas, letras móveis, tudo que no momento da explanação do conteúdo eu pudesse mostrar para ele, e facilitar sua aprendizagem.

Professor Fernandes narra suas práticas sobre o momento inicial quando recebem os alunos nas suas salas de aula:

Nós fizemos um trabalho de conscientização diante da turma, eu dizia “gente, vocês precisam nos ajudar, vejam que seu colega precisa da nossa atenção da nossa ajuda. Então, vamos ajudar no que for possível”. O aluno com Síndrome de Down sempre foi muito querido com a turma, pois antes dele entrar na escola foi feito esse trabalho de conversar, falar sobre a deficiência. Eles eram cordiais e respeitavam o aluno. Após a inserção do aluno, comecei a trabalhar mais trabalhos em grupo ou duplas, para incentivar a convivência. O conteúdo foi trabalho de uma forma mais prática, não ficava tanto na abstração. Os livros didáticos agora eram apresentados de outra maneira, não por fichamentos ou trabalhos escritos, era com interpretação, encenações, e entre outros. O aluno era muito querido aqui na escola, não houve rejeição diante da turma, pelo contrário, eles tinham muito respeito pelo aluno com Síndrome. Às vezes os meninos traziam o lanche dele, o ajudavam a guardar o seu material e sempre estavam ajudando de alguma maneira, não precisei intervir muito nesse aspecto.

Fernandes aborda sobre as mudanças necessárias para o acolhimento das crianças com NEE, e estas, requerem professores com uma nova visão sobre eles que executem ações de respeito aos princípios éticos, igualitários e solidários. Martins (2010, p.44) confirma a posição de Fernandes ao afirmar: “O educador ético é reflexivo, analisa os porquês da sua ação, por isso sabe o que faz, para quem faz, por que o faz, para que faz e analisa, seleciona e escolhe os meios de concretizar o seu fazer”. Morenita comenta a importância do professor e de suas práticas:

O professor tem muito poder em suas mãos, não porque sabe mais que os outros. Não! O professor tem o poder, porque é por intermédio de sua sabedoria que ele pode ajudar vinte, trinta ou até mil alunos. Considero muito importante as poucas ações que realizei na busca de um bom desenvolvimento do aluno com SD, sei que o processo foi lento, mas o pouquinho que contribui já foi gratificante, ver a evolução dele foi emocionante para mim. Acho importantes as práticas inclusivas que desenvolvemos junto às pessoas com deficiência dentro da escola regular, pois estamos contribuindo para que esses alunos adquiram algum conhecimento o qual pode ser útil no contexto social e profissional e incentivando as suas potencialidades. Todos precisam ter utilidades sociais, somos sujeitos sociais. Eles precisam aprender na escola fundamentos básicos para a vida em sociedade, concentrar-se ter responsabilidade,

aprender sobre rotinas, sobre a convivência em grupo, principalmente acho positivo para as crianças com deficiência na escola é a importância nos ensinamentos em grupo.

O professor inclusivo deve desempenhar a sua prática pedagógica buscando artifícios para oferecer uma educação de qualidade, considerando a heterogeneidade do grupo e as necessidades individuais dos discentes. Mesmo que o professor não receba a formação acadêmica necessária para atuar com a Educação Especial, os alunos com NEE continuarão a chegar nas escolas, estejam elas preparadas ou não, e para isso, vemos o quanto o professor precisa ser autônomo e criativo para criar condições de aprendizagem ao considerar as características, limitações e habilidades dos seus alunos.

OBS: Sugiro trazer as perguntas que foram feitas aos entrevistados colocando-as anterior as suas falas dentro do contexto. E discorrer a entrevista de um professor primeiro, depois do outro, porque tem momento que fica confuso a temática e a falas dos dois ao mesmo tempo

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a minha experiência pessoa com minha irmã com Síndrome de Down, aprendi através do acompanhamento do seu contexto escolar, que os professores inclusivos a incluíam com mudanças atitudinais, adaptações e transformações na sala de aula que favorecem a aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down.

Mediante o contato com as narrativas dos professores Fernandes e Morenita, pudemos evidenciar nesta construção o valoroso papel do professor no ensino do aluno com Síndrome de Down. Após refletimos sobre todas as suas ações didáticas consideramos ter visto inclusão em suas atividades na preocupação em fornecer melhores condições para aprender, em ser flexível e investir nas potencialidades dos alunos com SD. Práticas inclusivas são, acima de tudo, ações desenvolvidas para alcançar o potencial do aluno em consideração à sua deficiência e respeitar as suas limitações. Para a inclusão acontecer de maneira efetiva é preciso sensibilização, movimentos e transformações da escola, e, sua estrutura documental, é fundamental para que se iniciem mudanças atitudinais por parte de todo o corpo escolar. Vimos na escola MEPE que mesmo os professores ao desempenharem práticas inclusivas, o currículo e outros documentos legais da instituição ainda não tinham sido transformados. Concebemos essas mudanças como necessárias, porém, não suficientes, para que a inclusão da pessoa com deficiência ganhe força na escola regular, é preciso que todos os aspectos sejam transformados (burocrático, pedagógico e estrutural).

A formação inicial não consegue abranger todas as discussões e ensinamentos práticos para a Educação Inclusiva, pois ter um aluno com deficiência em sala de aula, muitas vezes, configura-se como um desafio que de imediato, precisa ser superado. Observamos a realidade vivencial dos professores e vimos que as práticas inclusivas desenvolvidas por eles foram ações não tão custosas, mas que constituíram em posturas reflexivas e democráticas de guiar um ensino que oportunize condições iguais para todos, sobretudo para os alunos com Síndrome de Down. Diante disso alcançamos o objetivo geral proposto, pois apresentamos as práticas pedagógicas que incluíram o aluno Síndrome de Down.

As principais práticas pedagógicas que destacamos foi na rotina de sala de aula, pois percebemos que as mudanças destacadas pelos professores foram a de uma rotina adaptada, desde a carteira ocupada pelo aluno SD (próxima do professor) até o modo como registrar e avaliar esse aluno. A metodologia aplicada em sala de aula, foi outro aspecto transformado para se adequar às necessidades específicas do aluno com Síndrome de Down. As avaliações eram aplicadas com foco a valorizar a evolução e no desenvolvimento do aluno, eram pontuados avanços e aspectos necessários a maiores trabalhos.

As experiências destacadas nos incentivaram a receber nosso aluno com Síndrome de Down na escola básica com mais coragem para superar as nossas limitações e nos permitir aprender juntos nessa aventura desafiadora que é a profissão docente. Após explanar as considerações da nossa pesquisa, sugerimos a melhoria do trabalho desenvolvido na escola com a reformulação do currículo escolar e projeto político pedagógico de modo que abranja a diversidade.

REFERÊNCIAS

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERRAROTI, F. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Orgs). O método (auto) biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, M. C. **Da formação do sujeito ao sujeito da formação**. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Org.). O método (auto) biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MARTINS, Mário Cléber, Lanna (Comp.) - **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil** - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. 443 p. Disponível em: <
<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/Hist%C3%B3ria%20do%20Movimento%20Pol%C3%ADtico%20das%20Pessoas%20com%20Defici%C3%Aancia%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 23 jul 2016.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Pensando e Fazendo Educação de Qualidade**. Coleção Educação em Pauta: por uma escola (de qualidade) para todos. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

NÓVOA, Antonio. **Vida de professores**. 2ª educação. Lisboa: Porto Editora, 1995. p. 111-140.

NASCIMENTO, Dauri Lima do. **Síndrome de DOWN**. Quem sou eu? Inclusão social de crianças com Síndrome de DOWN. Mossoró, RN: UERN, 2008.

PARO, Vitor Henrique. **Interferências privadas na escola básica**: sequestro do público e degradação do pedagógico. In: PIMENTA, Selma Garrido e outros Org. Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea: constatações, análises e proposições. Araraquara: Junqueira & Marin, 2012. p. 85-95.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SASSAKI, R. K. Inclusão: **o paradigma do século 21**. Revista Inclusão, Brasília, ano 1, n. 1, out. 2005.